



O LEITOR



INFORMATIVO LITERÁRIO



Confronte Mario de Andrade

Fernando Sabino:



“No fim tudo dá certo, e se não deu certo é porque ainda não chegou ao fim.”

Nesta Edição:

Confronte Mario de Andrade (pg. 1)

Dia Nacional do Livro (pg. 1)

Poesia: Um Livro (pg. 2)

Pauliceia Desvairada (pg. 3)

Deixa o Fernando Falar! (pg. 4)

Comprar um exemplar do O Leitor:

<http://bit.ly/OLEitorEx>

Quando falamos que o Brasil possui uma gama diversa de personagens que enriquecem não somente a história da literatura brasileira, mas a própria arte literária, não estamos utilizando de frases de impacto ou coisas do tipo. Mario Raul de Moraes Andrade é a perfeita definição disso que citei, especialmente por sua reconhecida produção literária que praticamente inaugurou a era moderna na literatura brasileira.

Não desejo fazer um panegírico de Mario de Andrade neste artigo, mas especialmente citar uma de suas obras mais marcantes e que geralmente, nos ambientes escolares, nos fazem lembrar de seu nome: Macunaíma.

Esta obra foi publicada em 1928 e possui uma estrutura polêmica de classificação literária por possuir diferentes estilos literários internamente e por isso, muitos simplesmente o colocam como um bem sucedido estudo linguístico, que tentou abraçar de maneira original a manifestação cultural nascente das origens da população brasileira desde sua raiz indígena. É assim que encontramos esta obra sobre a história deste herói indígena de postura controversa, seja na sociedade moderna, seja na própria sociedade raiz de sua vida fictícia. Este romance rende comentários e análises até os dias atuais por conta da densidade do personagem

e de suas aventuras, revelando posturas que fugiam das estruturas morais, estéticas e éticas da sociedade contemporânea de Mario de Andrade. Talvez a discussão mais profunda em torno desta obra esteja justamente neste ponto: a intencionalidade do autor ao colocar como características de um povo um emaranhado de vaidades, libertinagens e, podemos dizer, devaneios intelectuais numa espécie de redescoberta da sociabilidade em si mesma.

Talvez no tempo de Andrade não haveria tanta gente cultuando Macunaíma como hoje, pois o “bom viver” deste herói indígena, revela virtudes e vícios que afloram de maneira intensa em nosso tempo, especialmente a aparente incapacidade em encontrar ordem no mundo em que vivemos, o que revela uma estrutura de falsa liberdade social.

O convite parece claro a quem já leu e quem ainda não atreveu-se: leia Macunaíma e confronte Mario de Andrade.

Valderi da Silva

Dia Nacional do LIVRO

O Editor.

Sinto como tarefa importante lembrar esta data a todos os leitores do informativo *O Leitor*. Falo do dia 29 de outubro, fixado como o Dia Nacional do Livro, uma lembrança deste artefato milenar que segue sendo o “farol para a humanidade”, e está é uma imagem digna de nota, pois nunca se negará que mesmo as mais revolucionárias posturas na história da humanidade, dispensaram a existência dele, do livro.



Não o tratamos como um ente de pura existência em si mesmo, pois sabemos que se ele existe em nossas vidas é graças a nossa própria necessidade dele.

Mas o que deve ser o Livro em nossa vida? Ou melhor: Como devo valorizar este artefato na trajetória de minha existência?

Hoje considero esta pergunta essencial para que a cultura intelectual dos seres humanos possa realmente alcançar os patamares que vocacionalmente pode alcançar. Posso o considerar como instrumento de utilidade técnica e servil apenas, ou sem negar isso, o ter como aliado contra a barbárie da própria natureza humana que deseja ansiosamente predominar em nossas vidas. Aliás, inúmeros parasitas – que podemos chamar de vícios da natureza humana – afervem-se na loucura por dominar a postura dos homens e mulheres sobre a terra.

Lembrar do dia Nacional do Livro nos faz refletir

sobre ele, sobre o que já lemos, sobre o que já aprendemos por causa dos livros, por meio deles, e pensando nisso, concluirmos que não podemos viver sem eles.



Um Livro

João Pedro Mésseder

Levou-me um livro em viagem
não sei por onde é que andei

Corri o Alasca, o deserto
andei com o sultão no Brunei?
P'ra falar verdade, não sei

Com um livro cruzei o mar,
não sei com quem naveguei.
Com marinheiros, corsários,
tremendo de febres e medo?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro levou-me p'ra longe
não sei por onde é que andei.
Por cidades devastadas
no meio da fome e da guerra?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro levou-me com ele
até ao coração de alguém
E aí me enamorei –
de uns olhos ou de uns cabelos?
P'ra falar verdade não sei.

Um livro num passe de mágica
tocou-me com o seu feitiço:
Deu-me a paz e deu-me a guerra,
mostrou-me as faces do homem
– porque um livro é tudo isso.

Levou-me um livro com ele
pelo mundo a passear
Não me perdi nem me achei
– porque um livro é afinal...
um pouco da vida, bem sei.

Pauliceia Desvairada

O livro *Pauliceia Desvairada*, de Mário de Andrade, foi publicado pela primeira vez em 1922 e já mostrava características do Modernismo. Nessa obra, o autor rompe com o passado da literatura brasileira e inaugura um movimento, trazendo novas possibilidades estéticas ao abordar a cidade de São Paulo, que é o tema do livro.

Essa é a primeira obra de poemas modernistas de Mário de Andrade, que elaborou sua própria definição do livro. De acordo com ele, é “áspero de insulto e gargalhante de ironia”, com “versos de sofrimento e de revolta”. O prefácio de *Pauliceia Desvairada*, no qual o autor mostra suas opiniões a respeito da poesia e funda uma corrente chamada “desvairismo”, já vale como um manifesto do Modernismo no Brasil.

É possível notar uma aproximação entre a obra e as vanguardas artísticas que ocorreram na Europa no início do século XX, como o Dadaísmo, o Surrealismo, o Expressionismo, o Futurismo e o Cubismo.

O livro traz uma poética mais aberta, também chamada de escrita automática, utilizada pelos representantes do Surrealismo para libertar os conteúdos do inconsciente. Já o prefácio denota admiração pela experiência cubista, rompendo com os moldes da arte acadêmica por meio da entrega às raízes líricas e às matrizes pré-conscientes da linguagem.

O livro traz escolhas linguísticas vanguardistas. Isso se dá pela inclusão de elementos como

elisões (supressão de letras em palavras e expressões) e quebras sintáticas, servindo para refletir o novo ambiente em que vive o homem da grande cidade moderna.

Também é possível dizer que Mário de Andrade, por meio de recursos técnicos de linguagem, aproxima a poesia da música, comparando teoria musical com noções de harmonia entre as palavras.



Pauliceia Desvairada não tem um roteiro definido, sendo um livro de poemas que utiliza um linguajar simples, coloquial e irreverente para falar sobre a cidade de São Paulo. Na escrita, ocorrem erros gramaticais intencionais, usados como forma de protesto contra as correntes dominantes.

A obra revolucionou a linguagem poética brasileira e disseminou o verso livre. Pela primeira vez, foi feita uma poesia sintética,

fragmentada e antirromântica, retratando os problemas de uma cidade grande e heterogênea.

Mário de Andrade tinha uma relação ambígua com a capital paulista, vendo-a ora como um palco de festejos multiculturais, ora como um local corrompido pela ambição capitalista.

Pauliceia Desvairada surge em um cenário de grandes mudanças na cidade de São Paulo, que passava por intensos processos de urbanização e explosão demográfica, recebendo imigrantes de várias partes do mundo.

Dessa forma, a obra ficou marcada por sua crítica às lacunas sociais deixadas pela expansão paulistana, tendo como alvo os próprios leitores. Essas manifestações são sempre ressaltadas por inovações estéticas.

Excerto de *John Lennon*
Estudante

Você já leu este livro?

Fernando Sabino
O Grande Mentecapto

Relato das aventuras e desventuras de Viramundo e de suas inenarráveis peregrinações.

Romance

54ª EDIÇÃO

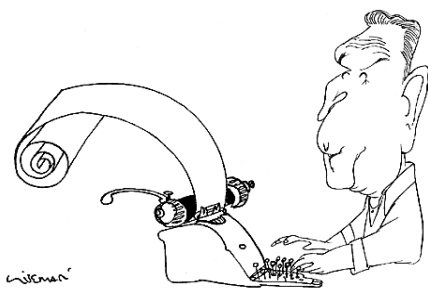


Envie seu comentário
para nosso e-mail
info.oleitor@gmail.com

Deixa o Fernando falar!

O Brasil, no percurso de sua breve jornada até aqui, já produziu inúmeros escritores ilustres que trazem fama e prestígio ao arcabouço cultural tupiniquim. Entre tantas estrelas que figuram no céu da Literatura, inegavelmente, está Fernando Sabino.

Efervescente representante da terceira onda do Modernismo brasileiro, o brilhantismo do conjunto de sua obra está no humor que emprega ao traduzir as mais diversas situações cotidianas e na análise que fomenta sobre a existência do divino e sobre a autoreflexão em busca de um sentido maior para viver.



Autor de obras premiadas como "O Grande Mentecapto", "Homem Nú" e "O Encontro Marcado", teve "Os Grilos não Cantam Mais" como seu primeiro livro publicado. E foi justamente uma cópia desse escrito que, aos 18 anos, encaminhou para o escritor Mário de Andrade - já famoso na época - , a fim de obter sua apreciação. O resultado desse episódio foi uma amizade epistolar que durou toda a vida, na mesma relação que se estabelece em o mestre e o discípulo.

Vem, aliás, de uma missiva de Mário de Andrade um pensamento que ilustra magnificamente a escrita de Sabino. Transcrevo aqui um trecho dessa correspondência: "O artista verdadeiro jamais estará satisfeito consigo mesmo nem com a obra de arte que produziu [...]Você, como artista, cumpriu entusiasticamente, sem fadiga, o seu dever, isto é, deu tudo o que tinha. A obra de arte está realizada com todas as forças de qualquer espécie que você tem".

Fernando Sabino era, deveras, um artista constantemente insatisfeito com sua obra. Vibrante, alegre, estava sempre fazendo rir todos à sua volta e tinha uma veia única de comédia para retratar episódios cuja veracidade jamais será possível confirmar. Pode-se dizer que, de todas as coisas relacionadas a esse mestre das letras, ficaram três certezas: estar sempre começando, saber que precisava continuar e a convicção de que seria interrompido antes de concluir. Essas percepções do autor eram justamente os movimentos que o diferenciavam dos demais e imprimiam em seu modo de se expressar a genialidade do cotidiano com a qual o artista, na busca de seu melhor, procura sem cessar sua obra prima.

Metaforicamente falando, as crônicas de Sabino são "o canto do grilo que continua". Em uma sociedade ruidosa, marcada em todos os seus contornos pelo

barulho, muitas vezes tornou-se impossível escutar os sons simples vindos do campo, da natureza. Nas cidades pavimentadas de asfalto para todos os lados e onde quase não há mais gramados, o grilo de Sabino conserva a maestria de se fazer ouvir e o seu canto segue deslumbrando a tantos quantos se aproximam de sua escrita ágil, marota e veloz.

Para título desta breve incursão na vida e obra de Fernando Sabino parafraseei o nome de um um de seus livros, "Deixa o Alfredo falar!" Na geração internet, de textões e haters inflamados, todos querem fazer uso da palavra para se expressar. Nada contra! Os teclados são de todos. Contudo, se mesmo gente sem formação pode dar pitaco sobre o modo como gira o mundo, "deixa o Fernando falar!" Nesse universo de ideias compartilhadas sobre a vida, sigamos ouvindo aquele que soube retratar como poucos as conquistas e as vicissitudes da jornada humana. Que cantem os grilos! Que fale Fernando! Que ouçamos todos nós!

Mateus Lopes dos Santos



ASSINE O
INFORMATIVO
MENSAL COMO
FORMA DE
PATROCINAR.



Apoio e divulgação:

VALMI

Projetos G. e C.

fb.com/valmi.projetos

Instagram.com/valmi.pgc



Organização:

Societas Libri

Sociedade de Literatura

twitter.com/LibriSocietas

Instagram.com/Societas.Libri

Seja um patrocinador desta iniciativa cultural. Entre em contato conosco pelo e-mail:

oleitor.info@gmail.com

Ou faça a assinatura mensal pelo link

<http://pag.ae/7XbvVz6zo>